



A lucta final And' entre os  
espanols.

Discursos Excepcionais  
do Dr. Rodrigues





20190267-426



**COLLECCÃO DE INÉDITOS**

PUBLICADOS

PELA

**Sociedade Propagadora**

dos

**Conhecimentos Úteis.**

2.º

COLLEÇÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PRIA

Escrituras Proprietarias

dos

Condomínios - G. B. S.

2.



# REFLEXÕES

SOBRE

A

## LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRITAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS ÚTEIS.

---

### PARTE PRIMEIRA.

---

*Trata do valor das palavras e correção da Grammatica*



LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

1842.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRITAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS ÚTIS.

PARTE PRIMERA.

Traza do valor das palavras e correção da Grammatica



LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Útis.  
Rua Nova do Carmo N.º 32 - B.

1842.

## PREFAÇÃO DA PRESENTE EDIÇÃO.

**E**ntendimento e linguagem são dous irmãos gêmeos, e gêmeos unidos em um só corpo por órgãos communs, e por tal disposição, que a nutrição e vida de um alimenta sempre, e vivifica o outro; assim como as enfermidades de cada um delles passam logo, e se communicam a ambos.

A historia da civilisação de um povo não é mais do que a historia do seu progresso intellectual; e nesta historia é a da linguagem uma parte integrante, ou para melhor dizer, essencial.

Seguindo as differentes phases da cultura intellectual do povo portuguez, pode a sua lingua considerar-se como tendo já passado por tres idades bem distinctas. — A primeira comprehende desde a origem della, desde a primeira combinação de seus elementos, até formar um systema completo, unido, e distincto de outro qualquer, ainda que derivado da mesma raiz. Estende-se desde os tempos anteriores á fundação da monarchia até aos fins do seculo 15.<sup>o</sup> e pode chamar-se *idade ante-classica*. — A 2.<sup>a</sup> comprehende o periodo em que o systema da linguagem começou a desbastar-se, e a pulir-se, até se tornar elegante, flexivel, e apta para todos os generos de escrever, isto é, para exprimir com propriedade e energia as mais delicadas concepções do entendimento. Corre desde os principios do 16.<sup>o</sup> seculo até ao primeiro quartel do 17.<sup>o</sup> E' a *idade Classica*. — A 3.<sup>a</sup> abraça a epocha, em que a lingua degenerou daquella pureza e elegancia da idade anterior, ou por nella se admittirem sem dis-

cernimento vozes estranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e deduzidos contra as regras da recta rasão. — A estas tres idades poderão talvez os que depois de nós vierem accrescentar uma quarta, que não sei se diga deverão chamar *idade da restauração*, e cujos principios devem ser contados, quando muito, dos fins do seculo 18.<sup>o</sup>

A idade ante-classica apesar de mais antiga, ou talvez por isso mesmo, é de todas a menos estudada, e menos conhecida. Mui judiciosamente o advertiu um illustre erudito de nossos dias quando escreveu (\*). — «Reparo, e com toda a justiça, que certos ensaios da nossa literatura passem por alto os seculos XII, XIII, e XIV, e que satisfeitos de reduzirem a poucas palavras toda a historia literaria daquelles tempos, saltem ao seculo XV, que se julga propriamente aquelle donde se lançaram os fundamentos da nossa reputação literaria. Não obstante a escacez de monumentos daquelles primeiros seculos da nossa monarchia era conveniente que os exploradores da nossa antiga literatura não se contentassem de ler Fr. Bernardo de Brito, e Manuel de Faria e Sousa, mas que, adiantando-se um pouco mais, examinassem os codices daquella idade, onde por ventura achariam linguagem mais corrente, que a de Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, e Fr. Bernardo de Alcobaga.» — Uma forte rasão porem, neste mesmo reparo aponta da, desculpa o silencio dos nossos criticos ácerca de algumas epochas desta primeira idade. Os monumentos, porque ella se pode estudar e conhecer jazeram pela maior parte escondidos e ignorados, até que as recentes indagações historicas e philologicas os teem ido a pouco e pouco desenterrando do pó dos archivos, cartorios, e bibliothecas. — Entre todos sobresahe o chamado *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, publicado em Paris á custa de Sir Carlos Stuart em 1823; e os *Ineditos de Alcobaga*, dados á luz em 1828 pelo illustre Auctor já citado, filho, e ornamento do mesmo mosteiro.

(\*) O Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Memoria sobre a Litteratura Hebraica entre os Portuguezes Catholicos*, no tom. 9.<sup>o</sup> das da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. 1825.

A idade quinhentista, ou Classica é a mais conhecida; sobre ella se teem occupado todos os criticos da lingua, e a ella se referem as *Reflexões* conteudas no presente volume.

Passado o primeiro quartel do seculo de seiscentos, começou entre nós a degenerar o bom gosto literario; e a naturalidade e madureza do estilo dos quinhentistas a serem substituídas pelos conceitos estudados, metaphoras atrevidas, e despropositadas antitheses, equivocos, e trocadilhos. — Ahi estão os discursos academicos, e evangelicos, as narrações historicas, as silvas, os romances, os labyrinthos, os acrosticos, e todos os escriptos, mórmente dos principios do seculo 18.<sup>o</sup>, que aonde quer que se abrirem darão manifestos documentos daquelle genero de escrever. — Já Jacintho Freire, e Vieira, Classicos puritanos na linguagem, se acham tocados da epidemia devastadora do bom gosto do estilo.

Quaes foram porem as causas da degeneração da pureza, e sobrio uso da linguagem entre nós? grave questão é esta; e tão grave, que nem pode ser tratada de passagem, nem para tratalla como merece, nos julgâmos preparados com bastante cabedal de sciencia. Só diremos que a linguagem degenerou á proporção que a philosophia foi saindo do trilho da rasão. Procurai as causas da introdução e predominio das argucias escolasticas, e subtilezas peripateticas; e ahi achareis as de todos os vicios, que inquinaram a formosura da linguagem portugueza por tanto tempo, quanto foi o que durou aquelle vicioso methodo de discorrer. — Não curâmos de fallar dos males produzidos na pureza da lingua pela torrente de miseraveis traducções, com que algum tempo foi moda insultar a respeitavel memoria de Barros, de Sousa, e de Lucena. Esta moda ainda não passou de todo, mas com ajuda do Senhor vai-se limitando a alguns ignorados borradores de papel.

Mas tornando á degeneração, que poderemos dizer philosophica, da linguagem; é certo que quando o seculo 18.<sup>o</sup> se aproximava ao meio de sua carreira, ou porque o exemplo de estranhos nos viesse despertar de nosso lethargo, ou porque o espirito humano de si mesmo cobra novos brios para levantar-se,

quando se sente abatido, começaram alguns zelosos da honra e prosperidade nacional a clamar contra tão intoleravel abuso do divino dom da palavra, que por natural consequencia reflectia os seus tristes resultados sobre o proprio pensamento. O *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi o mais alto brado destes clamores; foi como o toque de rebate, ao qual acudiram dous bandos oppositos a travar de parte a parte uma bem renhida e diuturna batalha, que só se deu por acabada aos desapiedados golpes do Marquez do Pombal.

Nesta porfiosa batalha entrou com não pequeno contingente a favor da causa da reforma das letras, e plantação do bom gosto, o nosso Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome arcadico de Candido Lusitano. — De sua vida apenas sabemos o pouco que nos deixou em memoria o Abbade Barbosa na sua *Bibl. Lus.* Nasceu em Lisboa a 3 de Janeiro de 1719; estudou humanidades no Collegio de Santo Antão, e philosophia nos Padres Theatinos. Foi gentil homem do primeiro Patriarcha D. Thomaz de Almeida, de cujo serviço passou para a Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri no anno de 1751, e não no de 1752, como o Abbade Barbosa affirma, salvo se se refere ao anno da profissão, e não ao da entrada. Este pequeno erro nos é rectificado pelo proprio Freire no seu *Mundano enganado e desenganado*, quando declara que o escrevera no anno de 1751, sendo novigo na Congregação. Falleceu, se nos não falha a memoria, no anno de 1773. Se é pouco o que de sua vida sabemos, muito é o que nos deixou escripto. Aos 20 annos de idade saíu a publico com a sua primeira obra. E' o poema latino *Plausus Tagi*, que apesar de não ter todo aquelle merecimento, que seus censores, ou antes panegyristas, apregoam, é com tudo documento de grande applicação, e progressos em tão curta idade. — Pouco depois (em 1741) publicou a *Vida do Padre Bartholomeu do Quental*, traduzida do latim; e no anno de 1742 deu á luz a primeira composição na lingua materna, *Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas*, no qual logo mostrou quanto se afastava do estilo ôcco, e retumbante de seus contemporaneos para outro mais fluente e natural. — Successivamente foi apparecendo com outros opusculos, como

adiante se pode ver no catalogo de seus escriptos; e entre elles fizeram grande bulha a *Carta Apologetica*, e o *Vieira Defendido*, nos quaes negava que fosse auctor da *Arte de Furtar* o Padre Antonio Vieira. Aqui defendeu elle uma boa causa, postoque nem sempre com mui solidas e convincentes rasões; e concluiu que a *Arte de Furtar* era obra posterior a Vieira, no que não podemos concordar, e antes a reputamos de mais antiga data. — Depois de varias poesias latinas, e elogios portuguezes publicou em 1745 a primeira sua obra didactica, o *Secretario Portuguez*, obra, que no seu genero ainda não perdeu a estima, que o publico lhe tem confirmado em successivas edições; honra não vulgarmente concedida a escriptos portuguezes.

A sua *Arte Poetica*, publicada em 1748, foi tambem a primeira que saíu na lingua materna. Ao *Verdadeiro Methodo de Estudiar* confessa o Auctor dever o fervor e estudo, com que continuou na empresa desta composição, que já d'antes intentára, mas que por outros estudos abandonára. Daqui se colhe já que nesta *Arte* condemna os vicios, que então grassavam na literatura patria. — E' verdade que o auctor, com outros mestres do seu tempo, estava com toda a sinceridade de seu coração convencido que a escrupulosa observancia das regras classicas, que então se tratava de ressuscitar, era por si só bastante para formar poetas, oradores e escriptores de consummado gosto em todos os ramos das bellas letras, e que nas regras havia um condão capaz de suprir o proprio engenho. Hoje para qualquer principiante é doutrina corrente que as regras não criam o genio; mas ao mesmo tempo bom é não esquecer que com ellas se lhe podem corrigir os erros, e embargar o passo a seus extravios. — Sobre este thema continuem comtudo a disputar *Classicos* e *Romanticos*, se ainda entre elles continuam disputas; que nós tornámos a nosso proposito.

Depois da publicação da sua *Arte Poetica* aproveitou o Auctor nova occasião para roborar suas doutrinas, traduzindo, e illustrando a de Horacio, que todavia só saíu á luz em 1784, annos depois do seu fallecimento. A este intento de melhorar os estudos das bellas letras se encaminhavam quasi todas as suas

composições; e d'entre as impressas são ainda dignas de especial menção o *Diccionario Poetico*, que saíu em 1765, e as *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, que agora saem pela primeira vez, e sobre cujo merecimento apenas traremos á lembrança que a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis não duvidou fazer-las imprimir á sua custa, e na sua officina.

Quem correr o catalogo das outras obras, ainda ineditas, do Auctor das *Reflexões*, facilmente verá quanto nelle avultam as traducções em verso portuguez das obras dos poetas Classicos da antiguidade, assim gregos como latinos. — Na opinião de julgador competente (\*) não são estas obras as que mais falta fazem á nossa literatura; porque ainda que natural e corrente, é seu estilo prosaico e diffuso. — O fim do auctor com tudo neste aspero trabalho das traducções dos poetas era facilitar o conhecimento delles, e melhorar com bons exemplos o estudo das bellas letras. Se no seu tempo gozou de maior fama, do que hoje julgamos que merece, sejamos-lhe apesar de tudo gratos por algum, e não pequeno serviço, que assim mesmo fez ás patrias letras com suas obras didacticas e criticas. — O seguinte catalogo de suas obras, o mais completo, que podémos ordenar, dá mui sobeja prova dos seus bons desejos, e incansavel actividade.

**OBRAS IMPRESSAS.**

*Plausus Tagi, quo Excellentissimorum, et Reverendissimorum D.D. Didaci de Almeyda Portugal, et D. Francisci de Almeyda Mascarenhas, Sanctæ Ecclesiæ Occidentalis Principum triumphum, et possessionem loci in ipsa Sancta Ecclesia celebravit, poeticè descriptus à Francisco Josepho Freire Ulyssiponensi. Ulyssipone occidentali. Excudebat Antonius Isidorus da Fonseca, Ducis Cadavalensis typographus. Anno Domini 1739. Superiorum permissu. — 38 pag. em 4.<sup>o</sup>*

Consta de 712 versos heroicos.

(\*) O Sr. A. F. de Castilho no *Prologo* da sua traducção das *Methamorphoses de Ovidio*, a pag. XXVI.



Vida do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, Fundador da Congregação do Oratorio nos reinos de Portugal, escrita na lingua latina pelo P. Joseph Catalano, e exposta no idioma portuguez. — Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1741. 8.<sup>o</sup>

Epigrammatum Centuria. — Ulyssipone, Apud Antonium Isidororum da Fonseca. 1742. 8.<sup>o</sup>

Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas, Cavalheiro Professor da Ordem de Christo, Coronel, que foy de hum dos Regimentos de Marinha, e Commandante da Esquadra, que em o anno de 1740 foi para o Estado da India, com patente de Sargento Mór de Batalha. Eserito e dedicado á Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Condeça de S. Tiago por Francisco José Freire. Lisboa. Na officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1742. 4.<sup>o</sup> de 126 pag.

Relação verdadeira do formidavel terremoto, que padecio a Cidade de Liorne em 16 de Janeiro de 1742. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1742. 4.<sup>o</sup>

Saíu com o nome de Fernando José Freire. Augustissimæ Dominae D.D. Mariae Theresiae Wolburg, Hungariae, et Bohemiae Reginae, Piae, Felicis, Invictae, vera Effigies celebratur. Ulyssipone, Typis Antonii Isidori à Fonseca. 1743. 4.<sup>o</sup>

Consta de trinta Epigrammas.

Carta Apologetica, em que se mostra que não é Author do Livro intitulado *Arte de Furtar* o insigne P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesus, escrita por hum zeloso da illustre memoria deste grande escritor. Lisboa, na Regia Officina Sylviana. 1744. 4.<sup>o</sup> 25 pag.

Saíu anonyma.

Contra esta *Carta Apologetica* se publicou :  
 Dissertação Apologetica e Dialogistica , que mostra ser o Au-  
 thor do Livro *Arte de Furtar* digno desvelo do engenho il-  
 lustre do P. Antonio Vieyra , em resposta de huma *Carta*  
 escrita por hum ignorado zeloso da memoria do dito Padre.  
 Offerecida ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. D. Rodrigo de Noronha : composta  
 aquella entre dous curiosos genios, residentes ambos na Cor-  
 te de Madrid. Lisboa. Na nova Officina Sylviana. 1746 [e  
 não 1747, como diz Barbosa]. 4.<sup>o</sup> 26 pag.

Tambem saíu anonyma , mas é obra do P. Fr. Francisco  
 Xavier dos Serafins Pitarra, Religioso Franciscano de Xabregas.  
 Defendeu mal uma má causa , começando pela infelicidade de  
 commetter erros grammaticaes logo no titulo da obra.

Contra ella redarguiu Freire com o  
 Vieira defendido , Dialogo Apologetico , em que se mostra que  
 não he o verdadeiro Author do Livro intitulado *Arte de*  
*Furtar* o P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesus ; res-  
 pondendo-se ás razões de huma nova *Dissertação*, em que im-  
 pugnando os fundamentos da *Carta Apologetica*, se perten-  
 de mostrar , que a dita *Arte* he obra do mesmo Padre : es-  
 crito por hum zeloso da memoria illustre deste insigne Es-  
 critor , e offerecido ao Senhor Joseph Felix Rebello , Fi-  
 dalgo da Caza de Sua Magestade , Cavalleiro Professo na  
 Ordem de Christo, Escrivão do Conselho da Fazenda, &c.,  
 por Francisco Luiz Ameno. Lisboa. Na Regia Officina Syl-  
 viana. 1746. 4.<sup>o</sup> 67 paginas.

Tambem anonymo. — Por não ser aqui logar proprio, reser-  
 vamos para outro tratar novamente esta questão, curiosa na lit-  
 teratura portugueza ; e fundados assim em boa auctoridade , co-  
 mo na critica da obra, mostrar que a *Arte de Furtar* se pôde com  
 segurança attribuir ao celebre jurisconsulto Thomé Pinheiro da  
 Veiga.

Elogio Latino de estylo lapidar, com *dous Epigrammas*, em applauso do P. Mestre Fr. João de Nossa Senhora, Religioso Menor da Provincia dos Algarves, e seu Chronista. Fol.

Não tem anno da impressão.

In laudem Domini Joannis Rodrigues Chaves, Sacrorum Annalium Chronologicorum volumen primum in lucem edentis Elegia.

Consta de 60 distichos.

Excellentissimus, ac Reverendissimus D.D. Josephus Dantas Barboza, Archiepiscopus Lacedæmoniensis, Eminentissimi D.D. Thomæ Cardinalis Patriarchæ Coadjutor in Sacrosancta Basilica Patriarchali consecratur Epigramma.

Consta de 6 distichos.

Eminentissimo, ac Reverendissimo Principi D.D. Jacobo ex Comitibus Oddi, et Lusitaniæ Regnis, ac dominiis Legato Apostolico, nunc sacro Purpuratorum Patrum numero adscripto, Epigramma.

Consta de 5 distichos.

Traducção Latina, que consta de 7 Distichos, do Soneto composto pelo Dezembargador Luiz Borges de Carvalho, á morte do Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que principia

*O' dura pedra, ó Conde da Ericeira.*

Saíu esta traducção no *Obsequio Funebre*, e particular á saudosa memoria do dito Conde. Lisboa, por José da Sylva da Natividade. 1744. 4.<sup>o</sup>

Elogio de Joze de Souza, Academico Anonymo de Lisboa. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1745. 4.<sup>o</sup>

Elogio do M. R. P. Mestre Fr. Caetano de S. Jozé, Carmelita  
Descalço. Lisboa. Na Regia Officina Sylviana. 1745. 4.<sup>o</sup>

Elogio do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fran-  
cisco de Almeyda Mascarenhas, Principal da Santa Igreja  
de Lisboa. Lisboa, por Ignacio Rodrigues. 1745. 4.<sup>o</sup>  
Este *Elogio* foi traduzido em castelhano, e saíu em Madrid  
1746. 4.<sup>o</sup>

Segundo Elogio na morte do Excellentissimo e Reverendissimo  
Senhor D. Francisco de Almeyda &c. Lisboa. Na Officina  
Sylviana. 1745. 4.<sup>o</sup>  
É lapidar.

O Secretario Portuguez compendiosamente instruido no modo  
de escrever Cartas por meyo de huma instrucção prelimi-  
nar, regras de Secretaria, formulario de tratamentos, e  
hum grande numero de Cartas com todas as especies, que  
tem mais uso. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca.  
1745. 4.<sup>o</sup> — 1759, 1786, 1801 &c.

Illustrissimo et Excellentissimo Domino Duci de Soto mayor  
ab Augustissimo Hispaniarum Rege Ferdinando VI ad Au-  
gustissimum Portugaliae Regem Joannem Vlegato extraor-  
dinario misso plaudit Lysia.  
É um poema de 70 distichos. Não tem logar da impressão,  
mas saíu no anno de 1747. 4.<sup>o</sup>

Methodo breve e facil para estudar a Historia Portugueza, for-  
mada em humas Taboas Chronologicas Historicas dos Reis,  
Rainhas, e Principes de Portugal, filhos illegitimos, Du-  
ques, Duquezas de Bragança, e seus filhos. Lisboa, por  
Francisco Luiz Ameno. 1748. 4.<sup>o</sup>

Arte poetica, ou regras da verdadeira poesia em geral, e de to-  
das as suas especies principaes, tratadas com juizo critico.

— Lisboa, por Francisco Luiz Ameno. 1748. 4.<sup>o</sup> — e 1758.

É a primeira que saíu em portuguez.

Elogio do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, segundo Marquez de Valença, Mordomo mór da Rainha N. S. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno. 1749. 4.<sup>o</sup>

Illustração Critica a huma Carta, que hum Fidalgo de Hespanha escreveo a outro de Lisboa ácerca de certos Elogios Lapidares. Trata-se tambem em summa do livro intitulado *Verdadeiro Methodo de estudar*, e largamente sobre o bom gosto na eloquencia. Lisboa. Na Officina de Miguel Rodrigues. 1751. 4.<sup>o</sup> de 80 pag.

Vida do Infante D. Henrique. — Lisboa, na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 1758. 4.<sup>o</sup> grande.

Maximas sobre a Arte Oratoria. — Lisboa 1759. 8.<sup>o</sup>

Athalia, Tragedia de Monsieur Racine, traduzida, illustrada, e offerecida á Serenissima Senhora D. Marianna, Infanta de Portugal, por Candido Lusitano. — Lisboa, na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 1762. 8.<sup>o</sup>  
Mencionada na *Bibl. Lusit.*, ainda inedita.

Diccionario Poetico. — Lisboa. Na Officina de Ameno. 1765. 2 vol. 8.<sup>o</sup>

Arte Poetica de Quinto Horacio Flacco em huma Epistola aos Pisões, traduzida por Candido Lusitano. — Lisboa. 1784. 4.<sup>o</sup>

Reflexões sobre a Lingua Portugueza.

É o presente volume, cujo original existe na Bibliotheca Publica Eborensse, e é o codice  $\frac{\text{CXIII}}{2-1}$

## OBRAS INEDITAS.

Lucio Papirio — Opera, traduzida do italiano. Representada no anno de 1737.

Mencionada na *Bibliotheca Lusitana*.

De Bem para Melhor. — Comedia traduzida do italiano. Representada no dito anno de 1737.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Scandenberg. — Opera igualmente traduzida, e representada no dito anno.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Lyra Pastoritia. — Eclogæ sex. — 8.<sup>o</sup>

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Lucubrationes poeticæ, sive Poemata, et Elegiæ Sacræ et prophanæ. 4.<sup>o</sup>

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Theatro Genealogico da Illustrissima Caza de Almeida — É uma

Arvore genealogica de nonos avós do Conde de Lavradio D. António de Almeyda. Fol. grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Memorias Historicas de Lisboa, nas quaes se escrevem os Elogios dos Reys, Princepes, e Cardeaes, Arcebispos, Bispos, Varões Doutos, Capitães illustres, que nacerão nesta Cidade.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Reflexões ao Psalmo — *Miserere mei Deus* — traduzidas do italiano em portuguez. 8.<sup>o</sup>

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Homilias do Papa Clemente XI., traduzidas de latim em portuguez. 5.<sup>o</sup>

Mencionadas na *Bibl. Lusit.*, que declara estarem promptas para a impressão.

Excellentissimo, ac Reverendissimo D.D. Caetano Ursino de Cavalleriis, Archiepiscopo Tarsensi, et in Lusitanicis Regnis Nuntio Apostolico, Poema Panegyricum.

Consta de 700 versos heroicos.

Começa — Ille ego, qui Pindi nunquam penetrare recessus  
Ausus &c.

Acaba — Semper honore meo, semper celebrare cantu.

Mencionado na *Bibl. Lusit.*

Panegyrico das gloriosas acções da Vida do Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha 1.<sup>o</sup> de Lisboa. 4.<sup>o</sup>

Mencionado na *Bibl. Lusit.*, que declara conservar-se na Livraria do mesmo Patriarcha.

Reflexões sobre a Poesia Bucolica e Satyrica. 2 tom. 8.<sup>o</sup> grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Maximas sobre a Eloquencia Oratoria, extrahidas das Obras dos antigos Rhetoricos, e largamente illustradas. 4.<sup>o</sup> grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*; e provavelmente é a mesma obra, que se imprimiu com o titulo de *Maximas sobre a Arte Oratoria.*

Discursos Poeticos, em que illustro alguns lugares da minha Arte Poetica. 4.<sup>o</sup> grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.* — Será o mesmo que as *Cartas Poeticas?*

A Eloquencia Christã, composta em francez pelo Padre Gisbert, da Companhia de Jesus. 4.<sup>o</sup> grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*, e parece ser differente da que adiante vai com o mesmo titulo.

Bom Gosto Litterario, dirigido á Mocidade Portugueza no estudo das Sciencias e Artes. 4.<sup>o</sup> grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

O Mundano enganado e desenganado. Obra de Candido Lusitano. Escrita no seu Noviciado em a Congregação do Oratorio de Lisboa. 1751. 2 Tomos 4.<sup>o</sup> — 173 — 161 folhas.

Mencionado na *Bibl. Lusit.*; e o original se conserva na *Bibl. Publ. Ebor.* Codices  $\frac{CXIII}{1-11}$  d., e  $\frac{CXIII}{1-12}$  d.

Edipo, — Tragedia de Sophocles. Exposta na lingua portugueza por Candido Lusitano. 1760.

Com. — Oh Thebanos, oh meus queridos Filhos,

Recente geração do antigo Cadmo. —

Ac. — Da carreira da vida á meta extrema. —

Edipo, — Tragedia de Seneca. Traduzida por Candido Lusitano. 1769.

Com. — Afugentada a noute, o dubio dia

Já torna, e triste nasce envolto em nuvens. —

Ac. — Outras guias não quer minha cegueira. —

Estas duas Tragedias estão juntas em um volume de 4.<sup>o</sup>, de 108 folhas, — original da letra do A. — É o Cod.  $\frac{CXIII}{1-1}$  d. na *Biblioth. Publ. Ebor.*

Medea. Tragedia de Euripedes. Exposta na Lingua portugueza, por Candido Lusitano. 1769.

Com. — Provera ao Ceo, que de Argo a Não famosa

As Sympleyadas ondas Cyaneas —



Ac. — Mas ás cousas, que nós não esperamos,  
— Dão fim estranho: nesta Acção o vemos. —

Medea. Tragedia de Seneca. Traduzida por Candido Lusitano. 1769.

Com. — A vós Deozes nupciaes, a ti Lucina,  
Deidade tutellar do Sacro Leito. —

Ac. — Vay, e por essa etherea redondeza  
Mostra bem claro em ti, que não ha Deozes. —

Andam tambem juntas em um só volume: 4.<sup>o</sup> de 96 folhas. — Original. — Cod.  $\frac{CXIII}{1-2}$  d. na mesma Bibl.

Hecuba, e Phenicias. Tragedias de Euripedes. Parafrazeadas por Candido Lusitano.

A *Hecuba* começa:

— Dos Manes os horrificos lugares,

E o reino, onde afastado dos celestes —

— Ac. — De asperos Senhores;

Que duro he servir! —

A *Phenicias* começa:

— O' Sol que por estradas luminosas

Rapido corres entre bellos Astros —

— Ac. — Minha vida acompanha

Com honra e gloria. —

Ambas em um Volume. 4.<sup>o</sup> — Original. — Cod.  $\frac{CXIII}{1-3}$  d. na mesma Bibl.

Hercules Furioso, e Iphigenia em Aulides. Tragedias de Euripedes, parafrazeadas por Candido Lusitano.

A *Hercules* começa:

— Que mortal ha, que Amphitriam Argivo

Filho de Alcêo, a quem Persêo gerara —

Ac. — Mas por nós, que perdemos taes Amigos

— Os mais fieis, valentes, generosos. —

A *Iphigenia* começa:

— Velho, vem cá depressa —

Ac. — Ostentando preciosos

Teneros despojos. —

Ambas em um volume. 4.<sup>o</sup> Original. Cod.  $\frac{CXIII}{1-4}$  d. na mesma Bibl.

*Merope*. Tragedia do Marquez Scipião Maffei, exposta na lingua portugueza por Candido Lusitano. 1751.

Traz no principio um — Discurso sobre a presente Tragedia, dirigido ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. Duarte de Sousa Coutinho, Cavaleiro da insigne Ordem Militar de Malta. — Datado de Lisboa 10 de Dezembro de 1751.

Com. — Merope, do teu peito em fim expulsa

Essa tão longa dor, odio, e suspeita. —

Tem illustrações do traductor. — 1 vol. fol. Original retocado por letra do traductor. — Cod.  $\frac{CXIII}{2-5}$  na mesma Bibl. — Desta obra faz menção a *Bibl. Lusit.*

*Iphigenia em Tauris*. Tragedia de Euripedes, traduzida em portuguez.

Está incompleta. Original — Cod.  $\frac{CXIII}{2-10}$  na dita Bibl.

As Transformações de Publio Ovidio Nasam. Traduzidas por Candido Lusitano. 1770 e 1771. 4 vol. em 4.<sup>o</sup> Originaes.

Com. — Em novos corpos as mudadas formas

Cantar desejo: vós, ó Divindades —

O traductor intentava accrescentar *illustrações*, que não

chegou a compôr. São os Codd.  $\frac{CXIII}{1-5}$  d. até  $\frac{CXIII}{1-8}$  d. na mesma Bibl.

Cartas de Publio Ovidio Nasam, escritas do Ponto Euxino. Traduzidas por Candido Lusitano. 1 vol. 4.<sup>o</sup> Original.

Com. — Nasam, que já não he da cruel Tomos  
Recente habitador te envia, ó Bruto —

Cod.  $\frac{CXIII}{1-9}$  d. na mesma Bibl.

Elegias Tristes de Publio Ovidio Nasam. Em cinco Livros. Traduzidas, e criticamente illustradas por Candido Lusitano. 1769. 1 vol. fol. grande. Original.

Com. — Livro [não to embaraço] hirás a Roma,  
Roma, ay de mim, que ao teu senhor se veda —

Cod.  $\frac{CXIII}{2-2}$  d. na mesma Bibl.

Satyras, e Epistolas de Q. Horacio Flacco. Traduzidas, e illustradas por Candido Lusitano. 1765. 1 vol. fol. gr. Orig.

Com. — Donde virá, Mecenas, que contente  
Ninguem vive do estado que professa —

Cod.  $\frac{CXIII}{2-3}$  na mesma Bibl.

Eneida de Virgilio, traduzida em portuguez por Candido Lusit.

Desta obra faz menção Bento José de Sousa Farinha no *Summario da Bibl. Lusit.*, e existe autographa na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa, como declara o Secretario José Maria Dantas Pereira no *Discurso* do 1.<sup>o</sup> de Julho de 1824.

Paraphrases de Candido Lusitano sobre alguns Canticos e Sal-

mos da Sagrada Escripura, poeticamente illustrados pelo  
mesmo traductor. 1760.

Começa pelo *Cantico* de Moyses — *Cantemus Domino* —

1. — Cantarey ao Senhor hymno glorioso

Porque a prodigios de seu braço invicto

Fundio no mar cavallo, e cavalleiro. —

Em 1 vol. de fol. grande. Original. Cod.  $\frac{CXIII}{2-9}$  na Bibl.  
Publ. Eboreense.

O Parto da Virgem. Poema de Accio Sincero Sannazaro; tra-  
duzido, e illustrado por Candido Lusitano. 1769. — 1 vol.

4.<sup>o</sup> Original.

Com. — O Parto virginal, e ao grande Padre  
A Prole igual, que do alto ceo mandada —

Cod.  $\frac{CXIII}{1-10}$  d. na mesma Bibl.

O Mentor de Fidelmo, Escriitor principiante.

Teve primeiramente o titulo de — *Candido Conselheiro de  
Fidelmo, escriptor principiante* — É uma especie de Arte Poeti-  
ca, ou antes Preceitos da Arte de bem escrever, dispostos em ver-  
so solto. — 1 vol. 4.<sup>o</sup> de 32 folhas, e 1113 versos.

Com. — Se a carreira que dás, charo Fidelmo,

Nos diversos Estadios de Minerva,

Que banhão do Mondego as aureas ondas,

Te deixão descansar em ocio justo —

Ac. — Amigo verdadeiro, se he perito,

Tenbo por melhor mestre, e mais sincero,

Que do Grego Orador o amigo espelho. —

Em Janeiro de 1842 deyemos á bondade do Sr. Morgado

de Assentis ter em nossa mão o autographo desta obra, cujo dono é o Sr. José Pedro Nunes empregado na Secretaria do Governo Civil de Lisboa.

Pratica da Eloquencia em hum Diccionario Oratorio. Para uso dos Principiantes, que se exercitão na Eloquencia vulgar. Ordenado por Candido Lusitano, e consagrado a ElRey Nosso Senhor.

São passos escolhidos dos bons AA., e dispostos por ordem alphabetica. 1 vol. fol. grande. Original. Cod.  $\frac{\text{CXIII}}{2-8}$  na Bibl. Publ. Ebor.

A Eloquencia Christã: Observações expostas aos Portuguezes por Francisco José Freire da Congregação do Oratorio de Lisboa. Em 1764. 1 vol. fol. grande de 102 pag. Original.

Traz uma *Advertencia ao leitor*, que começa por estas palavras: — Este Tratado sobre a Eloquencia Christã ha muitos annos, que sahio a publico em hum corpo tão pequeno, que mais era planta, que edificio.

Começa a Obra. — Nunca se virão na Igreja tantos Pregadores, quantos presentemente se vem. —

Tem 22 capitulos. — Codice  $\frac{\text{CXIII}}{2-7}$  na mesma Bibl.

Cartas Poeticas e Criticas, em que se discorre de algumas particularidades da Poesia, e se faz juizo sobre diversos Poetas.

Com. a 1.<sup>a</sup> Carta. — Meu amigo. Eu não sey se V. mc. me quer fazer confuso ou agradecido; porque louva a minha *Arte Poetica* de modo, que me confunde. —

São 44 Cartas. 1 vol. fol. grande. Original. É a 2.<sup>a</sup> Parte da *Arte Poetica*, como o A. declara no *Prologo* da mesma. Cod.  $\frac{\text{CXIII}}{2-4}$  na mesma Bibl.

Vida da B. Juliana Corneliense. Por Francisco José Freire.

Com. — Para gloria da Santidade, e estímulo á imitação, daremos a ler em succinta escriptura a vida da B. Juliana Corneliense. —

1 vol. fol. Borrão original. Cod.  $\frac{\text{CXIII}}{2-6}$  na mesma Bibl.

J. H. da Cunha Rivara.



N. B. O Sr. Rivara, por sua erudição bem conhecido, auctor do presente prologo e de mui preciosas bases para as notas, (por exemplo, a breve dissertação sobre o que devemos entender por AA. classicos) teve a bondade de vigiar pela exacção da copia do Ms. — Tambem é de justiça mencionar neste logar que ao zelo pela litteratura patria, de que é animado o Sr. Alves do Rio Junior, somos devedores (quando serviu de Administrador Geral do Districto d' Evora) da permissão para sahir á luz o presente inedito.

Os EE.

# INTRODUÇÃO

AO

## ESCRYPTOR PRINCIPIANTE.

MUITO ha que para o nosso particular uso escrevemos as presentes *Reflexões*, extrahindo a doutrina dellas da lição de todos os Auctores que geralmente são tidos por Classicos na Lingua Portugueza. Nunca tivemos animo de dar a público este trabalho; porém estimulado do mesmo zelo, com que temos publicado algumas obras, só em obsequio da Mocidade Portugueza, mudámos de opinião, persuadindo-nos de que este livro lhe dará não leve soccorro para escrever com propriedade, e pureza, visto não haver até aqui em Portuguez um unico tratado, que instrua theoreticamente aos Escriptores principiantes a usarem da nossa linguagem com a correcção, e energia que lhe é devida.

A ordem, que seguiremos, será dividir estas *Reflexões* em tres partes: na primeira trataremos de diversos pontos pertencentes ao valor das palavras, e á correcção da Grammatica; na segunda discorreremos em materias tocantes á Pronunciação; na terceira trataremos da nossa linguagem antiga, e illustraremos com mais copiosa doutrina muitas das *Reflexões* das duas partes antecedentes; satisfazendo assim a uns reparos, que nos fizeram depois de composta a primeira e segunda parte.

Começaremos esta obra dando uma breve idéa dos Auctores, que são mais, ou menos Classicos na nossa linguagem, e depois de estabelecermos a sua auctoridade, passaremos a mostrar que esta não é tão forte,

que o uso constante, e prudente a não abata; para o que daremos a ler um catalogo de vozes antiquadas desde João de Barros até o P. Antonio Vieira, não obstante terem a seu favor não só a estes, mas a muitos Mestres insignes.

Depois produziremos outros muitos *vocabulos*, dos quaes usando frequentemente o commum dos Escriptores, não lhes podémos atéqui descobrir exemplos seguros, que satisfaçam á critica rigorosa. Por esta occasião, para mostrarmos o como os criticos firmam muitas vezes os pés com pouca segurança, defenderemos com exemplos de boa nota a outras muitas *Vozes*, que os rigoristas da lingua não tem por legitimas Portuguezas.

Passaremos a dar outro Catalogo de palavras, tiradas das linguas, Latina, Italiana, e Franceza, e introduzidas na nossa por Escriptores de inferior nota; por cuja razão não deverá usar dellas quem quizer escrever com propriedade, e pureza, e só se lhe concederá licença, quando por falta de vozes naturaes, e decentes, não se poder explicar com precisão, clareza, e energia.

Proseguiremos discorrendo sobre a nossa *Syntaxe figurada*, e suas liberdades, que lhe augmentam a graça, e elegancia contra o parecer dos ignorantes. Por ultimo recommendaremos como precisissima circumstancia a propriedade, e pureza na *locução*; para o que apontaremos alguns exemplos de Vieira, que provem claramente esta propriedade, e pureza; e remataremos com um Vocabulario, que mostre a rigorosa significação de muitos termos, que erradamente se tem por Synonymos.

Na segunda parte, todo nos occuparemos só no que pertence á *Pronunciação*. Mostraremos o quanto esta corre viciada em alguns Nomes com o ignorante uso do povo. Passaremos depois a reflectir sobre diversos termos,



que ou só tem singular, ou plural, para que o Escriptor pouco culto não commetta o erro vulgar de dar aos ditos Nomes o número, que elles não tem. Esta Reflexão chamará por outra, em que tambem mostraremos o Genero verdadeiro, a que pertencem diversas vozes, que em varios livros se acham, já masculinas, já femininas. Discorreremos igualmente sobre a genuina terminação de alguns *Superlativos*, que não seguem a regra common de acabarem em *issimo*; e fallaremos tambem sobre a pura pronunciação, e uso, de alguns *Adverbios*, e *Interjeições*, em que se commettem bastantes erros.

Não nos esqueceremos de fallar dos *Diminutivos*, cuja pronunciação corre frequentemente viciada, e tambem de alguns *Participios*, que a cada passo pronunciam com erro até aquelles, que presumem não ser povo. Igualmente nos lembraremos de apontar a legitima pronunciação de diversas palavras, e os Nomes proprios, a que muitos erradamente dão a penultima syllaba já breve, já longa, ou lhes alteram as lettras, resultando desta mistura um modo de fallar vicioso.

Reflectiremos, como materia muito importante, sobre os erros, que se commettem na *Conjugação* de diversos verbos, fazendo-se anormalos, ou defectivos. Trataremos por ultimo das Figuras pertencentes á Dicção, para satisfazermos a alguns reparos, que nos farão sobre a Reflexão antecedente, tocante á conjugação dos Verbos. Remataremos esta segunda parte com um longo Vocabulario de palavras, em cuja pronunciação verdadeira não acertarão muitos Escriptores, nem ainda hoje acerta grande parte daquelles que não querem ser contados no número do vulgo ignorante. A terceira parte servirá [como já dissemos] de commentario ás duas.

Bem estamos persuadidos que não desempenhare-

mos o assumpto; porém sempre a nossa ousadia servirá de despertar engenhos com mais forças para este peso, dando á Mocidade Portugueza reflexões mais judiciosas, e eruditas em um argumento tão importante, qual é o de fallar e escrever com propriedade, pureza, e correcção. Entretanto tu, Leitor:

*Da veniam scriptis, quorum non gloria nobis,  
Causa, sed utilitas, officiumque fuit.*

# REFLEXÕES

SOBRE

## LINGUA PORTUGUEZA.

### REFLEXÃO 1.<sup>a</sup>

*Sobre a auctoridade dos Auctores Classicos  
da Lingua Portuguesa.*

**E'** doutrina certa entre os antigos Grammaticos , e Rhetoricos , assim Gregos , como Latinos , que a principalissima qualidade , que deve ter qualquer Escriptor , é a pureza da linguagem , em que escreve. Sem propriedade no fallar perde muito qualquer obra litteraria daquelle solido merecimento que depende não do juizo do povo ignorante , mas da sentença da critica judiciousa. Esta propriedade consiste em usar daquelles vocabulos , daquellas frases , e idiotismos , que constituem o distinctivo , e indole legitima do idioma , em que se escreve. Para se conseguir esta necessaria perfeição não ha senão seguir os vestigios dos Auctores Classicos , que tem cada uma das linguas cultas.

Muitos ha , que ou ignorando , ou desprezando a grande auctoridade destes textos , não reconhecem ou-

tro mestre, senão ao uso corrente. Não se póde negar que em pontos de propriedade, e pureza de linguagem é o uso um arbitro soberano nos idiomas vivos, porque sem elle se contaminaria o fallar puro e correcto com vozes já fastidiosas, e decrepitas. Mas que uso é este, ao qual se deve cegamente obedecer? Não é o que reina no vulgo ignorante, nem ainda o que favorecem os homens letrados, pouco escrupulosos nas propriedades da sua lingua; é só o que floreceu, e florece entre aquelles, que mais se distinguiram na pureza do fallar proprio, genuino, e natural de sua nação.

Assim como não se deve aprender de todos os homens o verdadeiro modo de viver, porque delles se contrahiriam costumes, parte vís, e parte viciosos, mas só daquelles, que são mais perfectos, e distinctos no juizo, na probidade da vida, e na pratica do mundo; assim igualmente no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o daquelles, que á força de observação, e de estudo fallaram sempre com escrupulosa propriedade, e pureza.

Contrahindo esta geral doutrina, que todas as nações polidas cultivam, e fomentam, digo a respeito da Linguagem Portugueza que infallivelmente vão errados todos os que não caminham pelos vestigios daquelles Auctores, que pelo seu justissimo merecimento logram entre os sabios o titulo de *Classicos*. A experiencia assaz mostra todos os dias a verdade desta proposição, ouvindo-se, e lendo-se livros de Portuguez tão barbaro, que são o alvo do desprezo, ou da indignação dos criticos zelosos. Mostremos pois ao Escriptor principiante, quaes sejam estes *Classicos* pelo commum consenso dos que mais cultivam a pura Linguagem Portugueza. Sai-

bam aos que devem escolher por guias , para não errarem o caminho , nem cahirem em despenhadeiros.

Antes do felicissimo reinado d'El-Rei D. Manuel quem chamasse inculta , e barbara á Lingua Portugueza , não lhe erraria o nome. Contentaram-se os seus primitivos Escriptores de fallar uma linguagem pouco socorrida da correcção da Grammatica , e de todas aquellas qualidades , que ensina a Arte de *bem fallar*. Os melhores , que escreviam em prosa , eram aquelles , de cujo estilo secco , cançado , e confuso temos tantas provas , quantas são as Chronicas dos nossos Reis antigos. Os mais distinctos no verso são os que lemos no Cancioneiro de Resende, Poetas todos , que não conheceram o polimento da Arte.

Se por aquelles tempos não apparecêra o insigne *João de Barros* , não teriamos obra , que pela linguagem merecesse ser lida com aproveitamento , e gosto. Empenhou-se este illustre homem em dar regras seguras á Lingua , e em pratica-las nas suas obras , escrevendo-as com termos tão proprios , e puros , que mereceu ser chamado o fundador da pureza , e elegancia da sua Lingua , com tanta justiça , quantos foram os merecimentos para tambem o appellidarem na Historia o *Livio Portuguez*. Na verdade que quem lêr por este Classico admirará nelle uma tal abundancia de termos , cheios de propriedade , e energia , e uma tal affluencia de expressões genuinas , nascendo tudo de um estylo claro , e correcto , que jámais se animará a negar-lhe o justo titulo de *primeiro Mestre da Linguagem Portugueza*. Por isso o nosso Antonio Luiz no seu Tratado de *Pudore* , que lhe dedicou , disse delle com justiça *Tuoque ex ore (quod de Nestore scripsit Homerus) mille dulcior profluit oratio*. Por isso igualmente Nicoláo An-

tonio na sua *Bibliot. Hisp.* chamou ao puro e eloquente estylo deste illustre Historiador *luculenta oratio, Livianaem aemula &c.* Esta mesma justiça lhe fazem infinitos Escriptores naturaes, e estranhos, cujas auctoridades não queremos transcrever, porque são superfluas para provar a summa auctoridade, que tem João de Barros na Lingua Portugueza, onde o uso dos seculos seguintes lhe não antiquou ou palavras, ou pronunciações.

*Fr. Bernardo de Brito*, que lançou os alicerces á grande Obra da *Monarquia Lusitana*, entra igualmente na honrada classe de João de Barros, porque lhe seguia os passos, escrevendo em estylo puro, e correcto. Obrigado desta justiça é que o nosso famoso antiquario Manoel Severim de Faria disse nas *Noticias de Portugal* pag. 284 que elle *na linguagem e juizo póde servir de modelo &c.* Do mesmo parecer é Caramuel no seu *Philipp. Prud.* pag. 118, dizendo: „*Est hercule de Rhetorica optime meritus, cujus perenne studium, ac felicem diligentiam vulgata opera testatam faciunt.* Os seus continuadores *Fr. Antonio*, e *Fr. Francisco Brandão* tem penna ingenua, indagadora, e verdadeira, mas falta daquella propriedade, e pureza, que sobresahe em seu antecessor. Os outros Chronistas, que continuaram esta grande Obra, ainda na linguagem tem entre os Criticos menos merecimento que os dois Brandões, especialmente *Fr. Rafael de Jesus*, que morreu sem saber o como devia fallar a sua Lingua um correcto Escriptor Portuguez.

*Fr. Luiz de Sousa*, grande esplendor da sua Religião, a nenhum outro Classico cede em pontos de pureza de linguagem, e energia d'expressões. Damos razão á critica, que affirma, que este Historiador tirou toda a esperanza de ser imitado naquelle puro, vario, e na-

turalissimo estylo, com que escreveu a Chronica dominicana, e a vida do grande arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Um destes criticos é Nicolau Antonio na sua *Bibliot. Hisp.* dizendo delle « *Mira ac exquisita lusitani sermonis facundia, &c.* Ainda foi mais expressivo, pela honrada comparação, D. Fr. Manuel de Mello na sua carta ao doutor Themudo, onde diz « *Podiamos crer animava nelle a alma do famoso João de Barros, &c.* Mas para que é transcrever mais elogios a este insigne historiador, onde está o do grande Vieira? Confessa elle na censura da 3.<sup>a</sup> Parte, que o estylo de Fr. Luiz de Sousa é *claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeioando a vontade, não cança o entendimento.... Dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido, e vulgar com novidade, e mostrando as cousas [como faz a luz] cada uma como é, e todas com lustre. A linguagem tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua, em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros. A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem a aprendeu na eschola dos olhos, &c.*

A D. Fr. Marcos de Lisboa dão os criticos a auctoridade de classico, porque escreveu a Chronica da Ordem dos Menores com aquella pureza de linguagem, que era vulgar nos sabios da sua idade. Posto que não chega a possuir aquelle [digamos assim] *atticismo* da lingua portugueza, que se admira nos classicos acima apontados, merece comtudo o elogio, que lhe fez D. Francisco Manuel na Carta 1.<sup>a</sup> da Centuria 4.<sup>a</sup>, chamando-lhe *muito eloquente.*

Do P. Antonio Vieira diremos pouco, porque occu-

paríamos todo este livro, se fosse necessario provar, que é o classico mais auctorizado da lingua portugueza; mas ninguem ha entre nós, que o não confesse, nem entre os estranhos; que o não saiba. Se não me cega a paixão, ou não me enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem antes, nem depois deste singular orador tivemos penna do mesmo aparato. Possuiu elle em gráu sublime todas as delicadezas, propriedades, e energia da sua lingua; e por isso é que ainda ninguem duvidou usar de vocabulo, phrase, e expressão achada em seus escriptos, ou se atreveu a censura-las, achando-as em alheios, exceptuando uma, ou outra palavra, que o uso inteiramente deu por antiquada; injuria, a que estão sujeitos os classicos mais distinctos das linguas vivas. Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos, que escrevesse tanto, e sobre tão diversas materias. Discipulos deste grande mestre foram diversos oradores, especialmente Antonio de Sá, e D. Luiz da Ascensão, imitando-o na pureza do estilo, e correcção da grammatica, porem a cada um delles se póde applicar com verdade: *sequiturque patrem non passibus æquis*.

*Jacinto Freire de Andrada* tem por sua purissima locução um logar distincto entre os classicos da nossa lingua. Na vida, que escreveu do grande D. João de Castro nos deixou um perfeito modelo da força, gravidade, e energia da legitima linguagem portugueza. Deixando um, ou outro defeito, como verbi gratia dizer: *a altura da elevação do polo*, descuidos, que se devem attribuir á indispensavel fraqueza do entendimento humano, no demais guardou exactissimo respeito ás ve-



neraveis caãs, e ancianidade da nossa genuina linguagem.

A vida do Conde das Galveas, escripta por seu sobrinho *Julio de Mello e Castro* é um arremedo do que nos deixou Jacintho Freire. Tem polimento, e pureza de phrase, mas commummente revestida de tanta pompa de palavras, que quem lêr a este escriptor logo o hade julgar por poeta; porque conceitua a cada passo como homem arrebatado de enthusiasmo; porem isto mais pertence ao *estylo*, do qual não é o nosso assumpto fallarmos, do que á simples *locução*, que é todo o argumento desta obra. Por isso tambem não demos o nosso juizo sobre o merecimento dos classicos até aqui apontados em materia de *estylo*; nem o daremos nos que se seguirem, reservando este assumpto para occasião diversa.

*Fr. Domingos Teixeira*, na vida do nosso famoso Condestavel, melhor se soube revestir da indole, e caracter da locução de Jacintho Freire. A's vezes é d'elle um imitador servil, mais na estudada symetria das palavras, que na elevação e energia dos pensamentos; posto que tem muitos nobres, e sempre ditos com pureza e propriedade de linguagem correcta. Deixou-nos o mesmo auctor escripta a *vida de Gomes Freire de Andrada*; mas é edificio de architectura mesquinha, e de ornatos menos graves.

*Duarte Ribeiro de Macedo* é auctor com distincção benemerito da sua lingua. Escreveu pouco; mas o que d'elle temos foi o que bastou para os criticos lhe darem logar entre os classicos da primeira nota. Entre todos os seus escriptos em nenhum brilha tanto a simplicidade nobre e pura da nossa linguagem como na vida da princeza Theodora. Bastava só este livro para de jus-

tiça o constituir mestre: tanta é a propriedade e pureza, que nelle admiram até os mais difficultosos de contentar.

Os juristas tem a justa vaidade de darem em *Manuel Rodrigues Leitão* mais um Classico, que hombra com os da primeira auctoridade. O seu *Tratado Analitico* não é menos thesouro da pureza e abundancia do nosso idioma que da jurisprudencia; mas especialmente a longa dedicatória é uma daquellas obras, em que a critica mais severa passa para sincera e admirada panegyrista.

A *Francisco Rodrigues Lobo* não se lhe póde negar logar nesta classe, porque possuiu perfeitamente a lingua e a praticou com distincção, posto que na *Côrte na Aldêa* com mais especialidade do que nas outras obras. No seu poema do *Condestabre* é onde se lhe acha menos pureza e energia de linguagem.

Estes são os principaes textos, cujas pisadas seguem os escrupulosos para escreverem com propriedade e pureza. Muito perdeu a nossa lingua em não deixarem obras alguns sabios do seculo decimo-sexto, como um *D. Aleixo de Menezes*, um *D. Jeronymo Osorio*, e outros, de cujas cartas e papeis politicos argumentamos o summo gráu de perfeição com que fallaram a sua lingua. Grande serviço faria a esta quem delles fizesse e publicasse uma collecção. Os criticos formam segunda classe de auctores benemeritos da nossa linguagem, mas de merecimento inferior aos antecedentes, já porque foram menos correctos, já porque usaram de termos que na sua idade se tinham por archaismos.

Contam entre estes a *Manuel Severim de Faria*. Nós, que delle temos lição, achamos em suas obras bastante pureza no fallar, mas diversas vezes affecta sem motivo antiguidade de linguagem, usando de vocabulos

de Barros, e outros, que no seu tempo já não estavam em uso.

*D. Francisco Manuel de Mello* ainda affectou mais os archaismos, e por isso tem sido censurado por muitos. Com tudo é auctor, pelo qual se deve estudar, porque é um daquelles em que se acham vocabulos exquisitos, proprios da lingua; e neste ponto, como os outros classicos raras vezes usaram [ou talvez nunca] de similhantes vozes, faz este escriptor a mesma auctoridade que fariam os primeiros mestres. Os seus dialogos, os seus versos e cartas servirão muito nesta materia ao leitor pouco instruido nas delicadezas da nossa linguagem familiar.

O *P. João de Lucena* justamente merecia occupar logar na classe dos mestres da primeira nota; porque escreveu a *Vida de S. Francisco Xavier* com tal propriedade, energia, e pureza de lingua, que os muitos elogios, com que os sabios honram a sua memoria, ainda não são os que bastam para quem tanto honrou com a sua pura locução aquella Linguagem Portugueza que a critica só reconhece por genuina. Temos observado que esta injustamente o censura de usar de diversos termos destituídos de classica auctoridade; porque de todos os de que o arguem, lhe achámos exemplos seguros, e de todos usou depois Vieira, como facilmente mostrariamos, se fosse o nosso assumpto fazer aqui a apologia do *P. Lucena*.

O *P. Francisco de Sousa* no seu *Oriente Conquistado* é mui benemerito do Idioma Portuguez. Temos lido e observado a locução deste escriptor, e raro é o vocabulo, ou phrase, que não sejam proprios da lingua, ou já no seu tempo naturalizados pelo uso constante. Porem como lhe falta aquelle atticismo, ou pri-

mor de linguagem que se encontra nos primeiros mestres, não concordam os criticos em lhe dar na pureza da locução aquelle distincto logar, em que o poem mais pela elegancia que gravidade do seu estylo, que muitas vezes descahe em jocoso.

*Fr. Antonio das Chagas* foi um daquelles auctores que mais souberam os mysterios da lingua portugueza. Bastará ler qualquer de suas obras para se ver que usára della com propriedade, como quem medira a sua vastidão. Nas *Cartas Espirituaes* acham-lhe os criticos mais cultura e pureza do que nos outros livros, especialmente no uso de termos e phrases familiares, se bem que muitas, ou inventou, ou tirou do castelhano, sem as achar defendidas por escriptores de classica auctoridade. Ainda assim se o seu estylo não fôra tão florido, inconstante, e muitas vezes poetico, crêmos que teria facilitado aos *rigoristas* a lhe darem logar mais distincto entre os textos portuguezes.

O *Veneravel P. Bartholomeu do Quental* fallou com grande propriedade, não admittindo jámais em seus escriptos vozes ou expressões roubadas a outras linguas. Por commum consenso dos criticos é purissimo o seu portuguez, particularmente nos *Sermões*, que até em elegancia e gravidade de estylo se devem imitar. Diz um critico moderno que já nas suas *Meditações* lhe não acha tanta pureza de linguagem; quereria talvez dizer tanta nobreza. Mas assim convinha á gente popular para quem escrevia. O em que todos os cultos concordam com toda a justiça é em que este apostolico orador fallava com escrupulosa pureza de locução, quando como prégador da capella real orava diante dos reis e primeiras personagens da côrte.

O *P. Manuel Bernardes*, filho do instituto e do

espírito do veneravel P. Quental, injustamente não hombrêa com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo virá em que critica mais recta lhe dê logar merecido, quando este auctor já não passar por moderno. Para esta distincção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da purissima locução e [digamos assim] o verniz da elegancia, que só tem por legitima a linguagem portugueza. As suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem* immortalisam a sua penna, ennobrecem a lingua, e honram a Congregação do Oratorio, da qual foi exemplarissimo filho.

O conde da Ericeira, *D. Luiz de Menezes*, teve clareza, gravidade de locução, mas não concordam os rigoristas em lhe conceder no seu *Portugal Restaurado* perfeita e constante pureza de lingua. Nos termos porem, que são facultativos, e pertencentes á milicia, ninguem ha que o não tenha por texto, pois que nesta materia já perderam a auctoridade os nossos antigos. No tempo em que este auctor escreveu floresceram outros assaz benemeritos da lingua nacional, que publicaram purissimos escriptos politicos sobre a justa acclamação do Sr. rei D. João 4.<sup>o</sup>: porem não fazemos delles distincta memoria, porque ainda não são contados no catalogo dos classicos.

Estes são os principaes auctores, que na prosa formam o catalogo dos textos da lingua, ou da primeira, ou da segunda classe. Outros criticos ha, que estendem mais este numero, talvez guiados pela paixão que tem ás obras de algum particular escriptor. Nós tambem o estendemos, pondo nelle aquelles auctores, que escreveram com linguagem correcta de diversas sciencias e ar-

tes, porque seguindo o exemplo de todas as nações cultas devem nellas ser contados por Classicos.

Taes são *Filippe Nunes* na Arte da Pintura, e Poesia » na da Musica *Antonio Fernandes*, e *Manoel Nunes da Silva* » na da Grammatica *Fernão de Oliveira* » na Nautica *Luiz Serrão Pimentel*, e *Manoel Pimentel* » na Militar *João de Medeiros Corrêa*, e *Luiz Mendes de Vasconcellos* » na da Artilharia *Lazaro de-la-Isla* » na da Caça da alta volateria *Diogo Fernandes Ferreira* » na da Cavallaria *Antonio Galvão de Andrade*, e *Antonio Pereira Rego* » na Architectura Militar *Luiz Serrão Pimentel* » na Arithmetica *Leandro de Figueira*, e *Manoel de Figueiredo* » na Arte de Brazão *Antonio de Villas-boas Sampayo*, e outros, cujas obras correm m.<sup>s</sup> » Em cousas pertencentes ao trafico camponez, e á cultura dos campos &c. *Leonel da Costa*. Na Sciencia Astronomica é texto *André de Avellar*, e *Pedro Nunes* » na Geografica *Gaspar Barreiros*, e *Fr. Pedro de Poyares*, e o *Martyrologio* em Portuguez para a verdadeira pronunciação dos nomes de muitas terras » na Medica *Afonso de Miranda*, *Francisco Morato Roma*, e *Fr. Manoel de Azevedo* » na Juridica *Manoel Alvares Pegas*, e outros do seculo passado, que publicaram diversas Allegações. De quasi todas estas Artes, e Sciencias ha outros Auctores modernos; mas por isso mesmo que o são, ainda não os contam os rigoristas no numero dos Classicos, não o desmerecendo pela propriedade, e pureza, com que escreveram. A mesma sorte estão padecendo [em quanto não vier outra idade] diversos Oradores, Historiadores, e Poetas assaz benemeritos da Lingua Portugueza, Alumnos de varias Academias, e especialmente da Real da Historia destes Reinos.

Corre um erro commummente reebido de muitos, e

vem a ser , que os Poetas por conta das liberdades da sua linguagem não podem fazer em prosa auctoridade segura em pontos de pureza de locução. Demoremo-nos mais , do que é nosso costume , nesta materia , mostrando a equivocação , que ha nella. Os Poetas sim usam de vozes estranhas , que não são permittidas aos que escrevem em prosa ; porém nem sempre se valem desta liberdade , nem a devem pôr em prática em qualquer especie de Poesia. Aristoteles só a concede aos Epicos , dizendo „ *Verba externa Poetis Epicis sunt accomodata : gravitatem namque hoc , et magniloquentiam in se continent , et audaciam.*

Criticos ha , que ainda passam a mais , affirmando que não só são licitos na Epopea os vocabulos estrangeiros , mas tambem vozes fingidas , que em nenhum idioma se encontram. Assim o prova o doutissimo Apologista de Annibal Caro contra Luiz Castelvetro na pag. 25 confirmando-o com exemplos não só de Epicos gregos , e latinos , mas modernos de diversas Nações. Nesta doutrina parece-nos , que ha não pouco excesso , porque não sabemos de que modo se póde usar na Epopea de palavras , não extrahidas de algum idioma , mas totalmente novas para todos , porque se ellas nunca foram ouvidas , tambem não seram entendidas , o que é grave defeito.

O nosso parecer é , que o Epico sim se póde valer de vocabulos estranhos , mas devem ser tirados de idioma , que não seja tão desconhecido que os sabios não tenham deste uma geral noticia. Porém esta liberdade não deve ser excessiva , mas moderada , á maneira de Virgilio , que da lingua sabina tirou a palavra *Cupentus* , da Persica *Gaza* , da Macedonica *Phalanx* , da Gallica *Uri* , da Punica *Magalia* &c. Com esta limitação

póde o Epico usar de vozes estranhas ou por necessidade, ou meramente para fazer mais sublime, e magestosa a linguagem poetica, que é nelle indispensavel. Esta licença porém não é concedida ás outras especies de Poema, exceptuando na Lyrica as Odes Pindaricas.

Por onde concluimos que se nestes vocabulos estranhos não fazem para a prosa auctoridade os exemplos dos Poetas Epicos, certamente a fazem naquellas palavras, que tambem tem uso na prosa, e estas ninguem duvida que são em muito maior número do que as estrangeiras. Por exemplo, quando eu duvido se se póde usar, ou não, em um Panegyrico das palavras *Calamita*, *Affanado*, *Iman*, *Imperar*, *Soporozo*, &c., e não sabendo, que as usou Vieira em diversos Sermões, as acho em Camões, Gabriel Pereira, Bacellar, e outros; tenho nestes Poetas exemplos seguros para usar dellas, dando-as por legitimas Portuguezas, porque verdadeiramente estes vocabulos não são os que em rigor constituem a linguagem poetica, como bem sabem os intelligentes. Quanto mais que o buscar os exemplos dos Classicos não é só para a pureza e propriedade das palavras; mas tambem para a segurança nas regras da Grammatica; e todos sabem, que estas no verso são as mesmas, que na prosa, exceptuando alguma collocação de vozes, que por virtude da Syntaxe figurada é privativa para os Poetas.

Assentando pois nestes principios concluamos que ainda para a prosa são textos classicos os bons Poetas em pontos de pureza de vocabulos, e correccão de Grammatica. Assim o praticam todas as nações cultas, que tem publicado Vocabularios da sua lingua, allegando uelles frequentemente com os exemplos dos seus melhores Poetas. Só quem combina a locução de Gil Vicen-



te e a de todos os Poetas, que formam o Cancioneiro de Resende, é que sabe avaliar bem o quanto deve a Lingua Portugueza áquelles sublimes espiritos, que entre nós cultivaram, ou [dizendo melhor] fundaram a Poesia no Seculo decimo sexto. Estes comparados com os Poetas, que lhe precederam, tem o mesmo merecimento que Horacio, Virgilio, Ovidio, Catullo, Terencio, e outros a respeito de Ennio, Nevio, Andronico, Pacuvio &c.

Tal foi *Luiz de Camões*, honra immortal, não só da Poesia, mas da Linguagem Portugueza, porque assim na sua Epopea, como em todas as demais obras poeticas praticou uma admiravel clareza, propriedade, elegancia, e energia de Lingua. Quem lê a Camões, quasi que lhe parece estar lendo um Poeta da idade presente pelo que diz respeito á pureza, e correcção da nossa Grammatica. Não foram assim os famosos *Diogo Bernardes*, *Antonio Ferreira*, *Bernardim Ribeiro*, *Jeronymo de Corte Real*, e outros daquelle Seculo; porque na sua locução ás vezes aspera, e inculta facilmente declaram a idade, em que nasceram, sendo de Camões mais fieis imitadores na elegancia da Poesia que nas da linguagem.

*Fr. Bernardo de Brito* nos poucos versos, que nos deixou, conserva o mesmo logar de Classico que lhe adquiriram as suas obras em prosa. Mostrou, que nascêra tanto para a Poesia, como para a Historia; e porque os criticos rigoristas na pureza da Lingua acham em seus versos o mesmo polimento, propriedade, e força de locução Portugueza, que admiram nos seus escriptos em prosa, por isso em qualquer das suas obras o reconhecem nesta materia por mestre, e texto da primeira classe.

Dão o mesmo logar a *Gabriel Pereira de Castro*, e

com justiça, porque é benemerito da nossa linguagem. No seu Poema a *Ulysssea*, onde o não attrahiram as liberdades poeticas, para conservar a grandeza Epica, é quasi sempre puro, e proprio, ou na Grammatica, ou nas vozes; mas nunca como o foi Camões em qualquer de suas obras. Póde ser que este juizo pareça a muitos excessivo; mas será em quanto não observarem a sua Epopea com a exacta reflexão, que ella merece; não digo pelo que toca ás regras Epicas [porque não é este o nosso assumpto] mas pelo que respeita á genuina pureza da Lingua, em que ás vezes faltou, como em seu logar mostraremos.

*Antonio Barbosa Bacellar* é um dos primeiros Poetas, que tem o nosso Parnasso, ou se attenda a todas as qualidades poeticas, ou á purissima locução. Poucos são os versos, que possuímos de tão sublime engenho; mas esses poucos são os que sobram para os rigoristas assentarem entre si que quem se defender com o exemplo deste Poeta em materias pertencentes á Lingua produz em sua defesa um texto da primeira classe. Lêa as suas obras com reflexão judiciosa quem duvidar da justiça desta sentença.

*Antonio da Fonseca Soares*, segundo alguns Criticos, tem tal merecimento em seus versos, no que toca ás especialidades da locução, que querem se lhe devar logar entre os Classicos. A verdade é, que não haverá palavra expressiva, frase, e modo de fallar legitimamente Portuguez, que não se achem neste Poeta, especialmente naquellas obras, em que usou do estylo temperado, ou do simples.

A estes Poetas se seguem outros, que formam segunda classe, porque não se acha nelles a mesma propriedade de linguagem que nos antecedentes. Taes são

*Balthazar Estação* nas suas *Rimas* ; *Franciseo de Sá de Menezes* na sua *Malaca Conquistada* ; *Antonio de Sousa de Macedo* na sua *Ulyssipo* ; *Manoel de Galhegos* na sua *Gigantomachia* , e no seu *Templo da Memoria* ; e outros que não apontamos ; visto não serem de grave auctoridade entre os bons cultores da nossa Lingua. As Academias dos *Singulares* , dos *Generosos* , e dos *Anonymos* tiveram alguns Alumnos tão cuidadosos da pureza de linguaagem , que tempo virá , em que com elles se auctorisarise , quando se formar um Diccionario Portuguez , cujos vocabulos se vejam sempre auctorisados com exemplos classicos para segurança dos Escritores pouco instruidos na Lingua materna. O P. Bluteau , a quem muito seguimos nesta obra , não foi neste ponto escrupuloso , como devêra , em todos os termos que trás no seu Vocabulario , allegando a cada passo , já com AA. Classicos , já com outros da infima nota ; mas sempre será um Escriptor de immortal fama entre os Portuguezes , por lhes dar um Diccionario , que elles não tinham , e de que tanto necessitavam. E' gloria , que sempre acompanhará a sabia religião Theatina fundada nesta Corte.

REFLEXÃO 2.<sup>a</sup>*Sobre o uso de algumas vozes antiquadas.*

**N**a Reflexão antecedente mostrámos, qual era a grande auctoridade dos nossos Auctores Classicos, e o como estamos obrigados a caminhar pelos seus vestigios, para irmos seguros na pureza, e correcção da Linguagem. Porém como o uso recebido pelos sabios, que se seguiram a estes mestres, tem maior auctoridade, do que elles, porque esta é a differença das Linguas vivas ás mortas, faremos agora memoria de algumas vozes, que tendo sido usadas pelos melhores Classicos, estão hoje inteiramente antiquadas.

Não espere aqui o leitor um Catalogo prolixo de nomes, que já despresára por antiquados o insigne João de Barros, quando em seus admiraveis escriptos deo polimento, e cultura á nossa Linguagem, porque de taes vozes trataram já Duarte Nunes de Leão, Bento Pereira, e com especialidade o P. Bluteau em um especial Catalogo, que anda no tomo segundo do Supplemento ao seu Vocabulario.

Trataremos sómente de algumas daquellas palavras, que desde Barros até Vieira floreceram reinantes, e vieram a murchar na idade presente, sem mais fundamento, que a opposição do uso, arbitro muitas vezes imprudente em taes materias. As que não vão no Catalogo, que se segue, busquem-se no que vai no fim da segunda parte, no caso que o antiquado consista mais na pronunciação, do que meramente na palavra.

*Agrura* [de montes] por impureza é de Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 49. col. 1.<sup>a</sup>

*Alpargata* é termo, de que varias vezes usou Vieira nos seus Sermões; e por não produzirmos mais exemplos, bastará o do tom. 4.<sup>o</sup> pag. 194, aonde diz » As *alpargatas* semeadas de todo o genero de pedrarias &c.

*Anojo*: chamavam os bons antigos ao animal de um anno. Seria bom que se usasse desta palavra, porque não temos outra, que signifique o mesmo. Ainda hoje chamam os vaqueiros *anojos* aos bezerros de um anno.

*Arenga*, por discurso serio, era antigamente palavra usadissima. Hoje significa discurso desordenado e confuso.

*Arrear*, por *enfeitar*, é de Vieira no sermão das exequias de D. Maria de Atayde, pag. 143. *Arrea-se* a morte das esperanças, que &c.

*Atavio* por *enfeite* tambem é antiquado.

*Cohirmão* valia entre os antigos o mesmo, que entre nós *primo coirmão*; mas hoje é antiquado dizer-se *cohir-mão* sem mais outra alguma palavra.

*Companha* por *companhia* é de Fr. Luiz de Sousa, de Camões no cant. 3. est. 49, e de Barros Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 63: mas creio que do P. Fr. Luiz de Sousa para diante não se usou mais esta palavra.

*Córrego* significava o mesmo, que hoje *regueiro*. Usavam-no os classicos com o exemplo de Barros na Decad. 1.<sup>a</sup> pag. 165.

*Delonga* por *dilação* era mui usado em outra idade: usou deste termo Damião de Goes na sua chronica pag. 11, e Sá de Miranda em diversos logares das suas poesias.

*Derradeiro* era palavra communissima entre os es-

criptores do seculo decimo-sexto, e setimo, assim na prosa como no verso. Hoje está quasi antiquada, especialmente em poesia, porque se tem por voz plebea.

*Desazo* por negligencia ou descuido. Acha-se em Leonel da Costa nas Georgicas de Virgilio pag. 52, e no tom. 7 da Monarch. Lusit. pag. 584.

*Desdar* por *desatar* teve algum dia em seu favor os melhores exemplos, e até ao tempo de Vieira não estava antiquado.

*Desnacer* acha-se em Vieira na *Palavra de Deus Empenhada*, pag. 168. Hoje não vemos usado este verbo.

*Despeado* por maltratado dos pés, disse João de Barros na Decad. 4 pag. 150, e foi seguido de muitos.

*Desquerido* por não amado tem presentemente raro uso, não obstante ser de Vieira no tom. 2 pag. 179. Se se viu *desquerida* e despresada, &c. E' termo, que não deve antiquar-se, porque faz falta na lingua.

*Desviver* por acabar de viver é verbo, do qual hoje ninguem quererá usar se der ouvidos aos escrupulosos. Pois tem a seu favor, não só a Vieira, mas a outros auctores de igual auctoridade.

*Devaneo* por *desvanecimento* se acha na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, seguindo seu auctor a Duarte Nunes de Leão. No livrinho *Christaes d'alma* ainda se acha este nome.

*Dição* por *dominio* se encontra em diversos escriptores, especialmente na Vida da rainha santa Isabel, pag. 66, onde diz: «Dilatando as suas armas, e as dições do reino, &c.»

*Dissidente* por *discorde* era termo mui vulgar até o tempo de D. Francisco Manuel, que usou d'elle nas suas cartas, pag. 311. Injustamente é hoje antiquada

vóz tão expressiva, derivada da latina, da qual a nossa lingua é com vaidade filha legitima.

*Doestar* e *doesto* por *injuriar* e *injuria* tem em seu favor todos os bons exemplos antigos, especialmente o de Barros, que na Decad. 3.<sup>a</sup> pag. 221 disse: «Defendia-se com as mãos e *doestos* da lingua, &c.» Ainda o seguiu o auctor da Monarch. Lusit. tom. 6.<sup>o</sup> pag. 18. «Era castigado quem o *doestava*, &c.»

*Embair* por *enganar* é de Brito no tom. 1.<sup>o</sup> da Monarch. Lusit. pag. 88. «Costumam *embair* os ouvintes de suas mentiras, &c.»

*Embestegar* por metter-se em logar embaraçado, é de Barros na Decad. 2.<sup>a</sup> pag. 81 onde diz: «*Embestegar* em logares sem sahida, &c.»

*Emboras* por *parabens* foi termo usadissimo pelos nossos classicos. Ainda Jacintho Freire usou delle no liv. 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 172. «Muitos principes, que lhe davam *emboras* da victoria, &c.» Sem rasão se antiquou esta palavra, e louvâmos muito ao moderno escriptor do Panegyrico á Casa de Marialva por usar della muitas vezes; porem não nos resolvemos a fazer o mesmo, por não nos expormos á critica dos que não admittem palavras que não sejam correntes.

*Emprenhidão* por *prenhez* é de Brito no tom. 1.<sup>o</sup> da Monarch. Lusit. pag. 62. «Amores tão secretos, que os veio a publicar a *emprenhidão* da moça, &c.»

*Emfarado* por *enfastiado* da repetição de uma mesma cousa, anda no livro *Ethiopia Oriental*, pag. 39.

*Escarcéu* significando ondas grandes que fazem os mares cavados, foi termo muito usado até o tempo de Vieira. Hoje só significa uma admiração mui encarecida, e é voz popular.

*Escudar* por *cubrir-se* com o escudo, usou não só